

filmes, escrita, vida

Sofia Karam

* escritora | sofiakaram@gmail.com

meu avô me falou que eu não sou escritora: “escritor é quem escreve vários livros, e você escreveu um só, o da tese, e um outro, aquele da carta, que é muito pequeno, é um libreto...”

me pergunto: escritor é quem publica livros ou quem tem uma relação com a escrita?

há uns anos me deparei com uma agenda de 1993, ano em que completei 13 anos. reencontrar esse tempo foi uma volta a um lugar tão distante e tão conhecido. um mundo caiu sobre mim e achei que dali brotaria um corpo de escrita. quis andar novamente pelos anos 90, por um espaço de promessa de vida.

* Mestre e doutora em Letras pela Puc-Rio. É autora de *corpo em combate, cenas de uma vida* (2019) e *Carta ao [meu] pai* (2020), ambos publicados pela 7Letras.

e me deslocar um pouco desse presente de limitações, tão pouco promissor, em que até sentar para escrever é um grande esforço físico.

me sinto tão cansada que o fôlego fica curto, será que ainda consigo escrever um livro? o pianista horowitz disse algo como: “se meus pés não caminham, meus dedos não correm.” o elogio do exercício físico, da caminhada, da dança, para as atividades artísticas e manuais, para uma vida.

e levantar tem sido um peso, ando pela casa me escorando nas paredes e móveis, e na rua só de braço dado. nesse ponto não fiz o caminho da minha avó e do meu pai, que tiveram bengala, andador, até se sentarem na cadeira de rodas. meu corpo não parece mais meu corpo, não tenho controle sobre ele.

e a minha escrita está no meu corpo. que está cansado, mudado. mas ainda tenho meu pensamento, minhas lembranças, meus aprendizados. desejos e futuro? ou só o presente? preciso aproveitar o que ainda é um corpo, com grandes limitações, mas um corpo. ainda estou aqui, apesar das perdas progressivas. e o pensamento pode criar um corpo? o pensamento é corpo.

1993 foi um ano de virada, a entrada na adolescência, que já se anunciara no ano anterior. já tinha vivido muitas emoções em 1992: um menino e uns beijos no circo voador no show do *viper*, show do *ramones* no canecão – interrompido por briga, carecas, skinheads, teve até bomba de gás lacrimogênio; as passeatas, os caras-pintadas, o impeachment do presidente collor...

nesses anos descobri um mundo, externo. muita música, filmes, saídas. internamente uma grande sede de conhecimento e uma certa falta de confiança, de amor próprio. falta de conhecimento interno e muito conhecimento externo. era muito reflexiva e não me sentia bem no meu corpo. não me sentia bonita e acho que isso me entristecia de alguma forma. mas nunca me impediu de curtir.

minha mãe me lembra que eu falava que não andava pela rua principal do meu bairro, ipanema, e sim pelas ruas de dentro, rua barão da torre, rua nascimento silva, porque não queria encontrar pessoas conhecidas e que elas pensassem em como eu era feia. só rindo... é... eu tinha mil paranoias, mas eram leves, e ria disso. na verdade, acho que como uma pré-adolescente não sabia me comunicar direito, queria ser alguém, e ainda não sabia, não era ninguém, só um monte de desejos misturados e um monte de negativas, de coisas que não gostava em mim e no mundo a minha volta.

a música, os filmes, os livros, as pinturas, o teatro, a dança, davam sentido para tudo, mesmo na sua falta de sentido. iluminavam os dias. quando tinha 13 anos, dormia com um disco no *repeat*, às vezes, com uma música. e comecei a tomar café com uns 15 para dormir menos e ter mais tempo para absorver tudo de interessante que o mundo oferecia. lembro de ganhar de um namorado aos 16 anos um cartão que tinha escrito: *with enough coffee you can do anything*. ficava pregado na minha cortiça, junto com outros cartões de pinturas, fotos, imagens de filmes...

será que eu cresci?

colocar música e dançar no meu quarto era uma prática constante, desde a infância, até um tempo atrás o fazia repetidas vezes, mas com o avanço da minha condição essa prática foi rareando, acho que por uma certa frustração de não poder mais me mover com liberdade e assim não ser uma total descarga de energia, mas uma atividade limitadora. mesmo assim, tenho ainda meus momentos, em que me movo como posso.

na adolescência, achava que a expressão artística era o que movia a vida. o que me fazia respirar e continuar. toda a minha angústia era tratada com uma dose de música, uns passos de dança, um livro, um espetáculo, um filme...

e até o mar parece ter ficado esquecido durante uma época, a caminhada na floresta, o contato com a natureza. apesar de 1993 ser o ano da praia, a adolescência foi urbana e mental. a arte era construção, intuição, imaginação, criação de mundos. e eu me sentia conectada com aqueles que eu admirava, por um fio invisível que nos colocava no mesmo campo, como se jogássemos e avançássemos juntos.

achava que pela criação tudo tinha jeito.

só desejava isso, criar, imaginar, contar. me enchia de histórias.

e foi o cinema que me pegou.

hoje aqui estou em busca dessa abstração, sentindo meu corpo desmilinguir, perdendo o controle sobre ele e querendo acreditar que minha mente, meu pensamento e minha imaginação não serão afetados por essa condição.

a primeira vez que fui com uma amiga ao cinema estação botafogo foi marcante, o início de um novo ciclo, de uma experiência de cinefilia. em agosto de 1993 fomos ver *malcolm x*, acho que na sala 3. já tinha ido ao estação botafogo, com minha mãe, e me lembro de uma ida no primário com a escola, em que vimos *a velha a fiar*, ouço a melodia “*e a velha a fiar*” neste instante. mas dessa vez foi com uma amiga, um programa de juventude. e a primeira vez que fomos à sala grande, na sala 1, com essa mesma amiga, fomos ver *a liberdade é azul* do kielowski. uma história de amor com os filmes e com essa sala de cinema se firmava, sala que, apesar das mudanças, continua ali. uma das poucas salas da minha adolescência que permanece. o estação cinema 1 na av. prado júnior não existe mais, o paissandu, os outros de copacabana, ricamar, condor, roxy, cine belas artes, que durou pouco, na rua raúl pompeia; lembro de ver *kika* ali, e *um, dois, três, sol*, no primeiro festival do pessoal do estação [atualmente festival do rio] que fui em 1994, e que se chamava mostra banco nacional de cinema. o banco que tinha ayrton senna como garoto propaganda. o cine veneza, onde vi *a viagem do capitão tornado*, *cinema paradiso*... antes de 1993. o star ipanema, que foi também uma das salas da infância e da adolescência, onde vi *drácula de*

bram stocker do coppola, com a galera que conheci no início de 1993; *cães de aluguel*, com uma amiga de infância; *o último imperador*, acho que em 1988, aos 8 anos com minha mãe, que me levou dizendo que eu já tinha idade para ver certos filmes de adulto; e tantos outros.

a primeira vez que fui na cinemateca do mam foi com minha mãe, e também encontrei amigas lá. uma tarde de sessão dupla, dois clássicos, *cidadão kane* e *o grande ditador*. esse foi também um dos dias marcantes, que anunciava a entrada na comunidade cinematográfica. aos poucos começava a fazer parte, como espectadora, desse mundo que é o cinema. e que me ajudou a existir por muito tempo, não só como espectadora, mas também profissionalmente durante algum tempo. ainda estava na escola, no ano do vestibular, e tive a bela oportunidade de montar o copião na moviola do filme *o toque do oboé* de cláudio macdowell.

e o cinema até hoje me alimenta, me traz alegria, pertencimento.

minha escrita e meu pensamento sempre foram atravessados pelos filmes. durante muito tempo, achei que o cinema fosse maior que o mundo. o cinema me encheu de vida quando era adolescente, assim como a literatura, a música, o teatro, a dança. mas talvez o cinema durante um tempo tenha sido maior, por ter me dedicado mais a ver filmes. os próprios filmes me fizeram olhar e perceber a vida de outra forma.

e ver que a vida é maior do que qualquer filme.